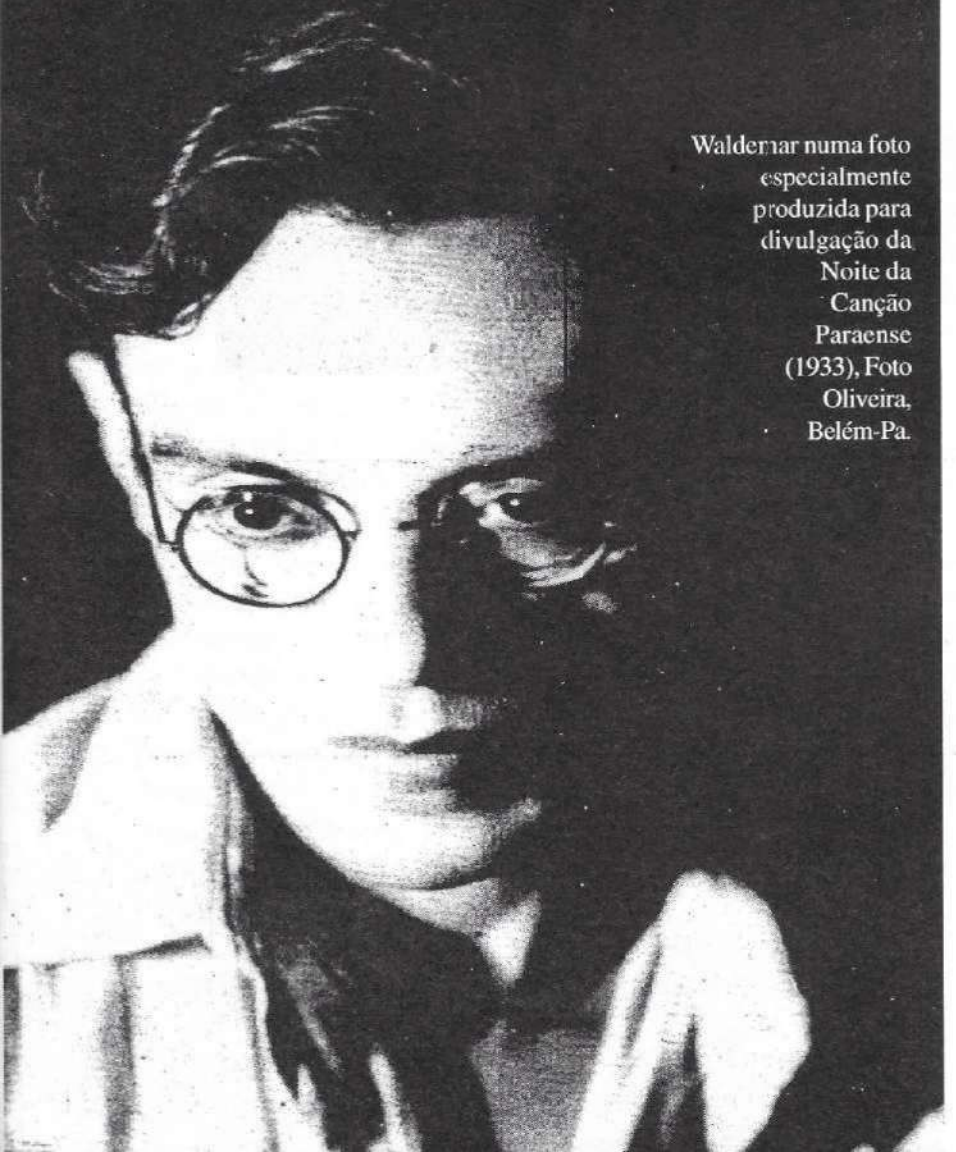
A MÚSICA AMAZÔNICA DE WALDEMAR HENRIQUE E ANTONIO TAVERNARD

Sebastião Godinho
Jornalista, advogado e escritor



Waldemar numa foto especialmente produzida para divulgação da Noite da Canção Paraense (1933), Foto Oliveira, Belém-Pa.

Há pouco mais de meio século, dois jovens beletristas paraenses, ávidos de êxito na carreira artística, davam início a um relacionamento que, embora viesse a durar pouco, deixaria frutos que com o passar do tempo, os levaria a merecida consagração. Seus nomes: Antônio Tavernard e Waldemar Henrique.

Conheceram-se nos idos de 1932, através de um amigo comum, o então também jovem intelectual Fernando Sarmento de Castro, ainda vivo, irmão do general Ismaelino de Castro, poeta de escol.

O entrosamento entre os três deu-se a partir da idealização da montagem de um espetáculo teatral a ser apresentado durante a quadra nazarena, e cuja renda reverteria em favor de Tavernard, já alcançado pela cruel enfermidade que o levaria tão cedo ao túmulo. Coube a Fernando Castro escrever os textos da revista que se iria denominar **Casa da Viúva Costa**, ficando a parte poética confiada a Tavernard. Waldemar encarregou-se da partitura musical que animaria os episódios dançados e cantados da deliciosa comédia, compondo cançonetas, bailados, ouverture etc, no total de 21 peças.

A revista foi levada à cena com grande sucesso num dos muitos teatrinhos que existiam no arraial de Nazaré, em outubro de 1932, tendo merecido boas referências dos jornais e periódicos da época.

Guardo em meu arquivo, um recorte da revista "A Semana", de tão boa memória, que registra nessas poucas linhas o acontecimento: Na **Casa da Viúva Costa** - Todos três têm talento até para ceder por empréstimos aos sem jeito. Fernando Castro e Antônio Tavernard escreveram a letra e

Waldemar Henrique compôs a música. Desse conjunto, onde três cérebros faiscaram as rutilâncias de moça inteligência, saiu a **Casa da Viúva Costa**, a revista nazarena que toda Belém não se farta de aplaudir". 0 texto é ilustrado com fotos dos três autores.

Vale lembrar que essa revista foi remontada em 1953 no Teatro Cassino Atlântico, no Rio de Janeiro, com ligeiras modificações musicais e orquestração de Radamés Gnattali. A direção foi do próprio Fernando Castro.

Infelizmente o seu texto perdeu-se, sabe Deus por onde e embora haja várias pessoas interessadas à sua procura, até agora ainda não foi localizado. Também as partituras sumiram na voragem do tempo, restando, apenas, **Canção de Um Vagabundo**, também denominada **Louco de Amor**; ainda, felizmente, memorizada pelo maestro Wilson Fonseca, nosso querido Isoca, que a executa ao piano.

Seria de alta relevância que se remontasse no ano consagrado à Tavernard, não apenas a **Casa da Viúva Costa** mas todas as demais revistas que tiveram o lampejo de seu gênio poético, como **A Menina dos 20.000, Que tarde!, Seringadela** e **Parati**; trazendo para as novas gerações a graça espontânea dos teatrinhos nazarenos e a verve original do poeta e seus parceiros.

Inobstante a grande amizade e admiração que os unia, Waldemar Henrique e Antônio Tavernard jamais viram-se pessoalmente, uma vez que o poeta já se enclausurara no **Rancho Fundo**. Entre os dois, na verdade, o carinho de Fernando servia para lhes proporcionar o diálogo diário e

Pássaro Desconhecido*

Certo amigo meu, apaixonado colecionador de pássaros sonoros, tanto que possuía, às dúzias, canários, rouxinóis, meiros, sabiás, cambaxirras, tangarás e graúnas, quedou-se, uma manhã, perplexo, nas matas do Utinga, ao escutar pela primeira vez um curió. E exclamou:

- Nunca me falaram de possuirmos um cantor de penas tão perfeito, ainda com a vantagem de ser da gente, sem o prestígio que emprestam aos outros, a fama e o preconício.

Pois bem! Waldemar Henrique é o nosso curió humano. Louvamos, enaltecemos, afora mil estrangeiros, tantos sulinos de nomeada: Joubert, Haeckel, Tupinambá, Luiz Abreu, etc. Compramo-lhes os discos, contamo-lhes as trovas, e, sempre que a oportunidade se nos oferece, lá despejamos, sobre os seus nomes, catadupas de adjetivos entusiastas. Certo, o merecem em grande parte; mas, também, em grande parte...

E quase que ignoramos, desconhecemos o valor desse moço de grandes óculos e grande sorriso, recolhido à sua modéstia como pérola em suas valvas.

Waldemar Henrique dominou a música leve, apanhou o segredo das harmonias ligeiras que passam pela nossa alma como uma carícia, deixando nelas o eco da saudade. Compôs com inaudita facilidade. Tenho mesmo a impressão de que lhe basta correr os dedos pelo teclado para que o motivo procurado cresça, e se desenvolva, espontâneo, justa tradução em sons do seu pensamento. Sobre o joelho, improvisando o assobio, ele escreveu a maior parte da partitura de uma peça minha, para versos já feitos, sem que eu lhe explicasse como queria, produzindo sempre melhor que eu desejava.

É, sobretudo, melodioso. Seus ritmos, quaisquer que sejam os gêneros, se desdobram sem dissonância, sem nenhuma abrupta combinação de notas, livre de transportes forçados.

Não executam os jazzs, as vitrolas não o vulgarizam, as editoras de músicas não lhe fazem proposta. Santo de casa...

Só o *broadcasting* paraense lhe veicula as canções encantadoras.

Muito pouco, para quem merece tanto.

Agora, porém, a pérola, saída: enfim, da concha da sua timidez, vai exibir-se na montra de um palco.

Waldemar vai dar recital.

A noite de 15 de agosto há de ser, por força, com a justiça de Deus vencendo a injustiça dos homens, a noite de uma revelação maravilhosa. Não estarei lá para assisti-la, mas, daqui do meu claustro, hei de vibrar como conterrâneo, como artista e como amigo, na glória, na vitória desse eleito.

* Crônica de Antônio Tavernard, escrita em 1933 para a revista A Semana.

Fernando Castro, parceiro de Antonio Tavernard na peça **A casa da Viúva Costa**

freqüente. Waldemar ainda recebia bilhetes e telefonemas nos quais Toni consultava-o constantemente acerca dos versos que enviava especialmente para o futuro repertório que Waldemar apresentaria no Palace Teatro, do Grande Hotel, a 15 de agosto de 1933. E o compositor lembra ainda o timbre da voz de Tavernard ao telefone: "Ele me parecia sempre muito animado e contente por tratar diretamente comigo dos nossos assuntos, de praxe quase sempre confiados à intermediação do Fernando. Porém, não escondíamos, ambos, a certeza de que nunca estaríamos juntos apesar dos esforços de alguns amigos que desejavam levar-me ao "Rancho Fundo".

E assim, por telefone, os dois idealizaram uma série de canções inspiradas nas lendas amazônicas. Tavernard só teve participação em duas: **Foi Boto, Sinhá!**, considerada mais tarde por Benjamim Lima, uma verdadeira obra-prima do folclore regional, "porque ao mesmo tempo musical e literário", e gravada por Gastão Formenti com acompanhamento da Orquestra Victor Brasileira regida por Pixinguinha, em 1934, iniciando a série Lendas Amazônicas; e **Matintaperêra** que tanto sucesso alcançou na melodiosa de Mára, irmã de Waldemar e sua intérprete durante mais de duas décadas. No gênero camerístico, Waldemar musicou **Romance** que na abalizada opinião do crítico Silvio Moreaux, é uma das mais belas peças do lied brasileiro; **Quando a Saudade Acorda**, canção-blues bem ao gosto dos seresteiros e amantes da lua, composta em 1933 para uma revista-musical inacabada de Tavernard; **Fim de Carnaval**, fox-canção, também composta para o mesmo fim e, **Tem Pena da Nega** , batuque amazônico em louvor de Santa Bárbara, musicado por Waldemar com alguns cortes e editado por A Melodia com gravação de Gastão Formenti, em disco Victor, e Mára, no filme **Cidade Mulher**, de Carmem Santos.

Essas foram as canções que brotaram da parceria entre Waldermar Henrique e Antônio Tavernard e que, dentre outras, foram incluídas no programa da **Noite da Canção Paraense**, levada a efeito, como já sabemos, no Palace Teatro e que serviu de passaporte de êxito que levaria Waldemar e Mára para o Rio de Janeiro. Tavernard não pôde assitir ao recital, porém, do melancólico aconchego do "Rancho Fundo", escreveu uma pequena crônica que foi publicada n' "A Semana" com o título **Pássaro Desconhecido**, de onde pinço essas passagens: "Waldermar Henrique dominou a música leve, apanhou o segredo das harmonias ligeiras que passam pela nossa alma como uma carícia, deixando nela o eco da saudade. Compõe com inaudita facilidade. Tenho mesmo a impressão de que lhe basta

Mara, irmãn de W. Henrique, interprete de muitas letras de Tavernard

correr os dedos pelo teclado para que o motivo procurado cresça, e se desenvolva, espontâneo, justa tradução em sons do seu pensamento. Sobre o joelho, improvisando o assobio, ele escreveu a maior parte da partitura de uma peça minha, para versos já feitos, sem que eu lhe explicasse como queria, produzindo sempre melhor que eu desejava". Mais adiante, diz o poeta: "A noite de 15 de agosto há de ser, por força, com a justiça de Deus vencendo a injustiça dos homens, a noite de uma revelação maravilhosa. Não estarei lá para assisti-la, mas, daqui do meu caustro hei de vibrar como conterrâneo, como artista e como amigo, na glória, na vitória desse eleito"

O destino foi-lhe particularmente adverso impedindo-o de fruir e comungar das alegrias do seu próprio sucesso.

Por volta de 1934, já no Rio de Janeiro, Waldemar compôs uma bela valsa intitulada **Meu Último Luar**, inspirando-se no poema **Última Carta**, um dos mais significativos de quantos escreveu Antônio Tavernard seu antigo parceiro de quem há muito não tinha notícias. Waldemar confessa que desejava dedicar essas valsas ao poeta paraense, porém, envolvido pelas inúmeras atividades na então capital federal, acabou permitindo a edição da música sem a desejada dedicatória. Isso, no entanto, não obscurece a verdadeira intenção da sua homenagem. Diz o músico "Sempre lamentei que outras lendas além da Matinta e a do Boto, não tivessem tido o mesmo poeta como parceiro, pois assim havíamos combinado quando iniciei o plano desse repertório. Quando fui para o Rio de Janeiro, entre os primeiros intérpretes que se interessaram pelo meu trabalho, estava Gastão Formenti que me pediu a composição de uma valsa sem caráter folclórico. Como não podia esperar muito tempo para conseguir um texto original de Tavernard, sem plagiar a **Última Carta**, fiz dela, entretanto, o tema inspirador da letra que foi gravada e muito elogiada por todos os que a ouviram. O personagem do texto de **Meu ÚltimoLuar** não é outro senão o sofrido poeta que eu tanto estimava".

Vejamos, em seguida, o admirável poema de Toni, cotejando-o com o texto que Waldemar criou a sua valsa:

Última Carta

Por que não me vens ver? Estou doente...
E possível que morra com o luar...
Anda lá fora um vento tristemente,
As ilusões das rosas a esfolhar.
E aqui dentro, na alcova penumbrada,
Onde arquejo sozinho, sem sequer

A invisível presença abençoada
De um pensamento meigo de mulher,
Há o desconforto imenso, a imensa dor
De alguém que vai morrer sem o seu amor.

Meu coração
De quando em quando
Cada vez mais cansado se arrastando,
Marcando o tempo, recontando as horas,
Pergunta-me num sopro quase extinto
Quando é que virás...
Volta depressa, sim?... Se te demoras
Já não me encontrarás...

Ouço, ao longe, o gemer de harpas eólias.
"E da febre... começo a delirar...
Desabrocham, no parque, as magnólias
Vem surgindo o luar...
E com a luz do luar que vem nascendo
Eu vou, aos poucos, meu amor, morrendo...

Meu último Luar

...e tu não vens
sabendo que te espero
morrendo a suspirar por ti...
andam lírios rezando ao luar
é minha alma que os manda rezar!

...e tu não vens,
talvez pressagiando
que a vida vai ficando em mim
preferiste teu beijo guardar
para quem melhor te pudesse beijar...

II

Sinto-me morrer nesta desilusão
deixando em seu jardim
os lírios a rezar.
É o maior consolo do meu coração
morrer assim
aos poucos, ante a luz deste luar..

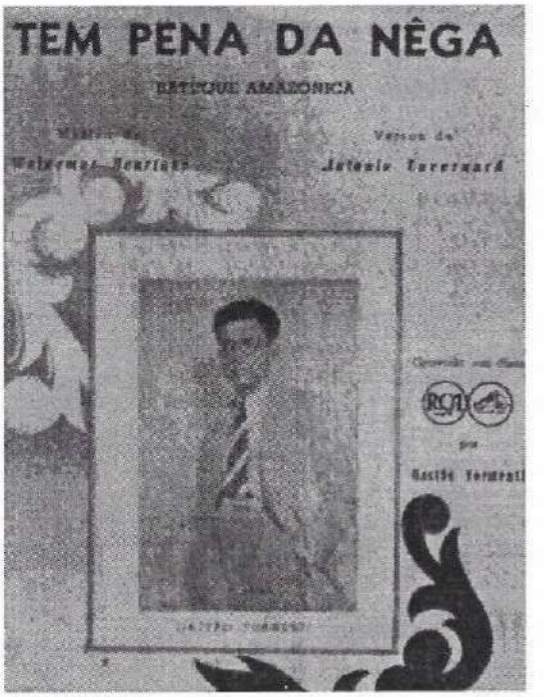
Há no meu olhar
um mórbido langor
a revoar...
Morro sem teu beijo, Amor!

Como se pode aquilatar, os dois textos respiram a mesma atmosfera emocional, guardando cada um, no entanto, a sua própria inventiva romântica. Ao que nos consta, além de Waldemar, apenas Mendo Luna, grande animador do teatro regional musicou versos de Tavernard, estando esse repertório infelizmente desaparecido. Aliás, a condição de letrista do jovem poeta do "Rancho Fundo" não escapou à arguta observação do musicólogo Vicente Sales que, em seu valioso livro "Música e Músicos do Pará, editado em boa hora pelo Conselho Estadual de Cultura, dedica um verbete ao autor de "Místicos e Bárbaros".

Esta foi a minha contribuição em favor do consagrado vate, exilado por imposição do destino, mas que, apesar de tudo atingiu páramos de luz como bem poucos entre nós. As duas lendas amazônicas de sua parceria com Waldemar Henrique, conseguiram transpor os umbrais da popularidade, através de numerosas gravações e a projeção de festejados intérpretes, tais, como Maria Helena Coelho Cardoso, nossa conterrânea; Lenice Prioli, Alexandre Trik, Maria Lúcia Godoy, Maria d'Apparecida (em Paris); Raquel Escalante de Larguia (na Argentina); Jorge Fernandez, Jane Duboc, Victória Kerbauy, Antonio Marino Gouveia, Nysia Jovita, Ruth Sterk, Aldemar Guimarães, este, por mim cognominado, "O Cantor do Rancho Fundo", afora corais de todo o Brasil e versões violonísticas de Isaías Sávio, Maria Lívia San Marcos, Dilermando Reis e Turibio Santos.

A obra de Tavernard, sofrida e bela, não poderá jamais ser esquecida.

*Artigo publicado no jornal O Liberal, domingo, 04 de maio de 1986.



Capa da edição de 1934, da partitura de "**Tem pena da nega**". Gastão Fomenti (na foto) gravou pela primeira vez em disco RCA.

Versos de Tavernard que Waldemar musicou

Romance

Quando ela veio na manhã rosada,
do mês mais lindo que Jesus criou,
houve em todos, em tudo uma alvorada
o próprio céu parece que cantou.

E vendo-a vir, empolgado
num êxtase de luz a palpitar
eu me curvei maravilhado
como quem se ajoelha pra rezar.

Quando se foi no pôr-do-sol cinzento
do mês mais triste que Jesus criou
houve em todos, em tudo um desalento
e o próprio céu parece que chorou.

E vendo-a vir, desiludido,
num êxtase de dor a fenecer
eu me curvei tão dolorido
Como quem se ajoelha pra morrer,
Belém, 1932

FIM DE CARNAVAL

No parque penumbrado do castelo
do rei das malas, Dom Polichinelo,
deixando atrás a tentação das salas
onde o luxo, em requinte a turba espanta,
Pierrot dedilha a sua bandurra e canta:
(lá, lá lá...)

Mas, de repente, ao fim duma alameda

ele depara, entre frufrus de seda

a silhueta estreita de marfim
da mulher adorada
abraçada, abraçada
ao vulto do Arlequim

Então no velho parque do castelo
do rei das malas, Dom Polichinelo
para sempre deixando a tentação das salas
sob a angústia da mágoa que o devora
Pierrot se abraça à sua bandurra

e chora,
(ah!...)

FOI BOTO, SINHA!

Taja-panema chorou no terreiro
E a virgem morena fugiu no costeiro

Foi boto, sinhá
Foi boto, sinhô
Que veio tentá

E a moça levou
No tar dansará
Aquele doutô
Foi boto, sinhá,
Foi boto, sinhô...

Taja-panema se pos a chorar
Quem tem filha moça é bom vigiá!...

O boto não dorme
No fundo do rio,
Seu dom é enorme,
Qùem quer que o viu
Que diga, que informe
Se lhe resistiu
O boto não dorme
No fundo do rio.

MATINTAPERÊRA

Matintaperêra
Chegou na clareira
e logo silvou.
No fundo do quarto,
Manduca Torquato
de medo gelou.

Matinta quer fumo
quer fumo migado,
meloso, melado,
que dê muito sumo...
Torquato não pita,
não masca, não cheira,
Matintaperêra
vai tê-la bonita...

Matintaperera, "detardinha" vem buscar
o tabaco que ontem à noite eu prometi:
- queira Deus ela não venha me agoirar,
- queira Deus ela não venha me agoirar
Ah! Matinta, preta velha, mãí-maluca, pé de pato,
- queira Deus ela não venha me agoirar...

Matintaperêra chegou na clareira
e logo silvou.
No fundo do quarto
Manduca Torquato
de medo gelou.

Que noite infernal,
soaram gemidos,
resmungos, bulidos,
do gênio do mal...
E, até de manhã,
bem perto da choça
a fúnebre troça
d' um vesgo acauan...
acauan...
acauan...

Nº 880
Anno XVII
Semana
PROMESSA E' DIVIDA...
PREÇO: $600